

ADOLESCENTE: QUEM É ELE

Evilásio A. Ramos

1. QUESTÃO

Conhecer o adolescente significa saber distingui-lo das fases infantil e adulta. O adolescente, em verdade, mantém com a fase anterior certa continuidade evolutiva e se projeta na fase posterior por suas expectativas e prospectivas. Mas também é certo que se diferencia de ambas por suas características próprias, seus problemas específicos e sua dinâmica evolutiva peculiar.

Compreender o adolescente quer dizer comprometer-se com sua educação e desenvolvimento, identificar-se existencialmente com ele, aceitá-lo com suas idiossincrasias, respeitar-lhe a individualidade e subjetividade, e amá-lo sem desconfiança. É saber comunicar-se com ele, avaliando seus pensamentos, sentimentos e condutas a partir do ponto de vista dele mesmo, evitando projetar nele idéias pré-concebidas.

Integrar conhecimento e compreensão na prática educativa é garantia de competência. Esta integração aparece na autenticidade, transparência, aceitação e bom senso que o educador demonstra no trato e diálogo com os adolescentes. Educação é processo de transformação do educando sob todos os aspectos — biológicos, psicológicos, sociais e espirituais — numa palavra, da pessoa total. Isto o educador fará de forma competente se conhecer e compreender adequadamente os adolescentes.

2. O ADOLESCENTE

2.1 O termo adolescente

O termo "adolescente" é conhecido desde a antiguidade. Seu significado porém variou no decurso da história.

Na antiguidade, entre os romanos, por exemplo, — de cuja língua nos veio o termo "adolescente", de "adoléscere", crescer — tinha um significado bastante amplo. O historiador Salústio (86-34 aC) deu a Júlio César, já com 33 anos, o apelativo de "adolescentulus". Cícero (106-43 aC) chamou Brutus e Cassius, já quarentões, de "adolescentes".¹ Ser ou não adolescentes era determinado mais pelo tipo de condutas.

Na Idade Média, a adolescência confundia-se com a puberdade. O critério determinante da fase adolescente era as modificações do corpo, por volta dos 13 — 16 anos. Adquirido corpo igual ao dos adultos, o adolescente começava a receber tarefas próprias da gente adulta. Os adolescentes situados nos estratos sociais abaixo da nobreza entravam para o mundo do trabalho e podiam casar-se. Os adolescentes nobres eram confirmados cavaleiros.

Modernamente, a adolescência abriga significado mais preciso, é carregada de sentido social. Designa o período etário que se estende, mais ou menos, dos 12-13 anos aos 20. É um período longo e complexo, comumente visto como simples transição da imaturidade e heteronomia da infância para a maturidade adulta. Inclui a puberdade, mas é mais longa do que esta, e se caracteriza sobretudo por sua natureza social.

2.2 Caráter social ou natural?

De fato, predomina entre os autores contemporâneos a opinião de que a adolescência se caracteriza principalmente por seu caráter social. Mais precisamente, os especialistas em psicologia da adolescência estão divididos em três grupos: aqueles para os quais ela é uma "fase natural" e aqueles para os quais ela é uma "fase socialmente inventada". Dentre estes últimos, alguns defendem que a adolescência é uma fase socialmente inventada e, portanto, "desnecessária", enquanto para outros é socialmente inventada mas "necessária".

A adolescência é uma "fase natural" caso sua origem se encontre no próprio organismo, nas transformações corporais, assim como acon-

1. Giovanni De Toni, "L'accrescimento fisico nell'adolescenza", Enciclopedia della Adolescenza, Brescia, Ed. Queriniana, 1965, pg. 21-23.

ta com a puberdade. É "socialmente inventada" se sua experiência é mera criação artificial da sociedade. Por conseguinte, a questão que se coloca é esta: a adolescência é uma fase "natural", "inventada", ou "necessária"?

Autores como Standley Hall, A. Gesell, C. I. Sandstrom e em geral os psicanalistas defendem que a adolescência é uma fase natural e, portanto, universal.² Para eles os condicionamentos sociohistóricos apenas determinam o valor que a adolescência tem na sociedade e os modos como é socialmente vivida e considerada. Outros — M. Mead, J. L. Latta, Di Giorgi, etc — argumentam, baseados em estudos históricos e antropológicos, que a adolescência é uma fase artificial e desnecessária.³ Um terceiro grupo, constituído por E. Hurlock, A. Jersild, E. Erikson e outros, entende a adolescência como fase socialmente criada mas necessária.⁴ Admitem o caráter eminentemente social da adolescência, mas a consideram necessária visto a complexidade da sociedade atual. O adolescente precisa preparar-se para viver numa sociedade tão complicada, conflituosa e tensiva.

Quem está com a razão? Vejamos:

Em primeiro lugar, vale assinalar, como informam a História e a Antropologia, os povos primitivos, tanto no passado como no presente, não conhecem o fenômeno da adolescência tal como o concebemos hoje. Quando a criança entra na puberdade, começa a participar ativamente da vida dos adultos, mediante algum rito de iniciação, compartilha de seus direitos e deveres. O que determina a aceitação no mundo adulto são as transformações pubertárias. Depois da puberdade, ao contrário do que ocorre atualmente, o "adolescente" não continua sendo mais adolescente.⁵

Em segundo lugar, hodiernamente a adolescência é um período mais longo que a puberdade. A adolescência, com efeito, não é delimitada pelas modificações pubertárias, mas por critérios eminentemente sociais. Tanto assim que não há, hoje, uma caracterização universal da adolescência. Há adolescentes, caracterizados conforme as

2. Rolf MUUSS: *Teorias da Adolescência*, B. Horizonte, Interlivros, 1976; A. GESELL: *Psicologia Evolutiva de 1 a 16 anos*, Buenos Aires, Paidós, 1975; Sandstrom: *A Psicologia da Infância e da Adolescência*, 5.ª ed., Rio, Zahar, 1975.

3. M. Mead: *Adolescência y Cultura en Samoa*, Buenos Aires, Paidós, 1967; P. Di Giorgi: "Una ricerca su giovani e politica", *Orientamenti Pedagogici* 179(5), 1983, pg. 787ss.

4. Elisabeth Hurloch: *Desenvolvimento do Adolescente*. São Paulo, McGraw-Hill, 1979; Arthur Jersild: *Psicologia da Adolescência*, São Paulo, Comp. Ed. Nacional, 1961; E. Erikson: *Identidade, Juventude e Crise*, 2.ª ed., Rio, Zahar, 1976.

5. Vittorio Marconi: "Adolescenza e Etnologia: l'iniziazione", *Enciclopedia della Adolescenza*, Brescia, Quiriniana, 1965, cap. 4.

peculiaridades de cada cultura, de cada sociedade. Adolescentes brasileiros, japoneses, chineses, americanos etc. Adolescentes urbanos, camponeses. Adolescentes burgueses, operários. Como bem diz a Professora Isabel Lopes, a adolescência é uma "etapa inconfundível", porém não podemos "dar dela uma imagem válida para todos os contextos espaço-temporais".⁶

Além disso, embora todos vejam no começo da puberdade o marco inicial da adolescência, o término de ambas não é o mesmo. A puberdade finaliza por volta dos 15 anos, quando o indivíduo completa sua maturação biológica. A adolescência no entanto continua. Até quando? Teoricamente até aos 20 e poucos anos. Mas, praticamente, pode terminar antes ou depois dessa data, conforme aconteça algum fato social recebido pela comunidade como termo final da adolescência, por exemplo, casamento, assumir direção da família, duma empresa, etc. Nestes casos o adolescente é recebido como se já fosse adulto.

Em terceiro lugar, na caracterização psicossocial de adolescência, presentemente colocam-se em relevo enfático as tarefas evolutivas exigidas dos adolescentes pela sociedade industrial:

- desenvolvimento da competência intelectual e social para obter, de forma auto-responsável, qualificações escolares e profissionais que habilitem os adolescentes a assumir labor profissional capaz de prover a própria subsistência, assegurando assim base econômica e material à existência autônoma de adulto;
- desenvolvimento da função sexual e do comportamento social pelos quais o adolescente estabelece relacionamento interpessoal com os companheiros do mesmo e do outro sexo e que garanta, a longo prazo, base à educação dos próprios filhos;
- desenvolvimento de sistema próprio de valores e normas, e de uma consciência ética e política traduzida em condutas e ações adequadas, de modo a alicerçar, a longo prazo, ações responsáveis;
- desenvolvimento de esquema comportamental congruente com o mercado de consumo e de lazer, com um estilo de vida próprio, vivido de maneira autônoma mas voltado para as necessidades presentes.⁷

6. Isabel Maria C. C. A. Lopes: "A fragilidade do conceito de adolescência", *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XXIII, 1989, pg. 35.

7. Klaus Hurrelmann, "La fase juvenil en el curso vital humano", *Educación* vol. 39, 1989, pg. 54.

Essas tarefas evolutivas são eminentemente de cunho social porque representam algumas expectativas que a sociedade alimenta a respeito dos adolescentes. Por elas se percebe que os adolescentes, na atual sociedade, constituem uma fase diferenciada da infância e da idade adulta. Uma fase com valor próprio, não só por causa das mudanças pubertárias, mas sobretudo em virtude de exigências sociais. Ligada embora à infância e projetada para a idade adulta, guarda certamente algumas características especificamente suas. O adolescente, do ponto de vista da sociedade, deve adquirir condutas, habilidades e autonomia psicossocial suficientes para assumir o status de adulto com seus privilégios, funções e papéis.

Em síntese, ressalta Hurrelmann, o indivíduo "deixa a fase juvenil quando em todos os campos relevantes de atividade consegue um grau completo — ou ao menos de largo alcance — de autonomia e de responsabilidade. Via de regra, os jovens dão o passo decisivo em direção ao status de adulto quando, no âmbito "público", abandonam as relações formativas escolares e profissionais, e ingressam no setor produtivo e na busca dos meios de auto-subsistência; e quando, no âmbito "privado", tem lugar a separação da casa paterna e a fundação duma família própria. Também a conquista da condição de "cidadão político" e "consumidor" constitui outro sinal demarcatório do fim da adolescência (art. cit. pg. 56).

Em quarto lugar, as atuais sociedades, onde vivem e se desenvolvem os adolescentes, tornam-se cada vez mais complexas. E o adolescente, como qualquer ser humano, vive uma existência contextualizada, delimitada pelas circunstâncias sociohistóricas. Sabemos que o atual momento sociohistórico é marcado por uma complexidade progressivamente intrincada e confusa. Vivemos numa sociedade crescentemente assentada na racionalidade, na tecnologia, na especialização, na competição, em conflitos de toda ordem, na exigência de competência sempre mais refinada, na supervalorização da máquina e subvalorização do homem, etc.

Não é fácil para o adolescente construir sua existência e sua personalidade numa sociedade tão enredada em complicações, contradições, conflitos, tensões e confusões. Para enfrentá-la com êxito e tornar-se sujeito de sua história e não objeto manipulado, o adolescente deve preparar-se com esmero. Deve adquirir uma personalidade fortalecida por uma maturidade intelectual, emocional, social e espiritual a toda prova. Sem essa maturidade e algumas competências, acreditamos que o adolescente será, mais cedo ou mais tarde, massacrado por essa sociedade de feroz competição, injustas desigualdades, desbragada violência e inquietante opressão.

Por todos esses motivos, conclui-se que a adolescência é uma fase socialmente inventada, mas, nas presentes circunstâncias sociais, necessária. Além disso, embora mantenha com a infância e a idade adulta relação de continuidade, é uma fase autônoma, com características, problemas e conflitos peculiares.

3. FASE DE AUTODETERMINAÇÃO

O adolescente, como acabamos de ver, é acima de tudo um fenômeno social. É um fenômeno social que, embora existencialmente relacionado à infância e à idade adulta, constitui uma fase vital autônoma, com características peculiares. Essas características, creio eu, podem ser compendiadas numa metacaracterística — a *autodeterminação*.

Com efeito, a infância revela-se demasiado dependente dos adultos e estes, em regra geral, podem ser considerados já autodeterminados. O adolescente, porém, evidencia por condutas concretas que está profundamente empenhado em libertar-se de qualquer tutela e encontrar por si mesmo o rumo de sua vida. Levar a efeito essa libertação e dar à própria existência um destino é condição preliminar à reorganização de sua personalidade e à ordenação de sua vida.

O adolescente carrega nos mais profundos refulhos de seu ser uma tendência básica, uma forte necessidade, que o impele a desenvolver-se não só no nível biológico, mas particularmente no nível psicológico e social. A origem dessa força geradora de progresso biológico, psicológico, social e espiritual está na *autotranscendência*. Autotranscendência é característica inerente à natureza humana do adolescente pela qual este faz o esforço pessoal e consciente de transformar-se progressivamente, ultrapassar sua finitude e limitações, e atualizar suas potencialidades, a despeito dos condicionamentos psicossociais. Rollo May, baseado na sua experiência de psicoterapeuta existencial, adverte que a não satisfação dessa necessidade de transcendentalização gera uma existência extremamente limitada e doentia.⁸

Nenhuma fase da evolução psíquica ostenta a necessidade de autotranscendência e desenvolvimento de maneira tão patética quanto a adolescência. E manifesta isso sinalizando de forma clara e resoluta, e muitas vezes crítica, que compete a ele, adolescente, e não aos outros, ser sujeito de seu processo autodeterminador. Por isso é justo afirmar que o adolescente se percebe e se sente como um *projeto existencial* a ser concretizado por ele mesmo.

8. R. May: *O Homem à Procura de Si Mesmo*, 4.ª ed., Vozes, 1973, pg. 77-79.

“Pro-jeto, define Arduini, é o que está lançado à frente. Antecipa o passo, a solução, o existir. Define rumos, mobiliza energias, explicita potencialidades. Programa a seqüência do vir-a-ser. Pro-jeto não é simples concepção mental. Fundamentalmente, pro-jeto é a própria existência humana. ‘É o modo de ser pelo qual o homem é suas possibilidades’, diz Heidegger. O homem não somente faz projetos, mas é projeto na essência de seu existir. É projeto antropológico”. “Ser projeto é ser ponto de partida, é ser original”. “É o devenir consciente e livre. É a vida em autocriação. É existencialização da possibilidade”.⁹

O adolescente é um pro-jeto existencial porque é mais do que evidente que sua vida, embora intensa e sofregamente vivida no presente, está essencialmente pro-jetada para o futuro. Querer ser ele próprio o sujeito da realização de seu projeto existencial está patente nas suas condutas libertárias, contestárias e oposicionistas, bem como no seu entranhado desejo de decidir por si mesmo.

O adolescente, por conseguinte, pode muito bem ser definido como um ser em processo de autodeterminação. A autodeterminação consiste precisamente em o adolescente concretizar seu projeto existencial num modo de vida determinado. Na revisão de valores e normas comportamentais aprendidos na infância. Nas escolhas feitas mesmo contra os pais e educadores. No questionamento de tudo quanto lhe impuseram no passado ou querem impor no presente. No submeter ao crivo de sua avaliação rigorosas idéias, acontecimentos, pessoas e instituições. Na reorganização de sua personalidade. Na rearrumação de sua vida interior e exterior, profundamente assinalada pelas determinações psicossociais da infância. Na preocupação, mormente na segunda metade da adolescência, com a escolha profissional e a constituição duma família.

Também faz parte da autodeterminação, de forma primacial, a busca, pelo adolescente, da identidade pessoal. Conseguir a identidade própria é tarefa central do adolescente, segundo Erik Erikson.¹⁰ Tarefa que não é imposta do exterior, mas é uma necessidade imperiosa do ser-adolescente, brota de seu dinamismo interior. É processo que tem início na infância e atinge seu ponto crítico na adolescência. É, todavia, processo psicossocial porque na sua efetivação são implicadas as relações que o adolescente mantém com o meio social, com as outras pessoas, com a cultura, além das identificações que efetua, desfaz e refaz no decurso da vida. A crise é satisfatoriamente resolvida quando

9. Juvenal Arduini: *Destinação Antropológica*, São Paulo, Paulinas, 1989, pg. 63.

10. Erik Erikson, ob. cit.

o adolescente se torna clara e seguramente consciente de sua consistência psicológica, sua individualidade e sua mesmidade, não obstante as modificações quantitativas e qualitativas por que passou ou venha a passar.

É da essência da autodeterminação o esforço que o adolescente faz para ser ele mesmo, e não outros, como sucede na primeira idade, o centro de suas decisões. Agora ele faz questão de assumir o comando de suas deliberações, decisões e escolhas, de sua existência, enfim. É a seu eu, como centro decisório e princípio unificador de sua personalidade, que de agora em diante devem ser atribuídos sua atividade psíquica, suas qualidades e efeitos, atitudes e emoções, motivos e valores, pensamentos e ações.

Por isso recebe com reservas a orientação vinda dos adultos, quando não a rejeita por completo. É certo também que não se livra das determinações socioculturais, da visão de mundo e de homem próprio de sua classe social, de sua religião, de seu credo político, etc. Mas estas influências não são passivamente internalizadas. Passam pela triagem de sua inteligência crítica. Não são determinísticas e mecânicas. O adolescente, graças a sua congênita necessidade de liberdade, se opõe à sociedade, questiona, rejeita o que lhe parece inaceitável, aceita o que se lhe apresenta significativo e, se for o caso, pode chegar até à ruptura.

Em vista disso a autodeterminação se processa em meio a conflitos, tensões e angústias. Pois a autodeterminação, em qualquer circunstância, acarreta sempre a perda de algo já experienciado e a aquisição de algo ainda não experienciado.

3.1 *Modo-ser e modo-ter de existência*

A autodeterminação, por um lado, implica escolhas vitais. O adolescente, por outro lado, é um ser-no-mundo-com-os-outros, isto é, vive e desenvolve-se em sociedade. É a sociedade que lhe fornece as matrizes conforme as quais atualiza suas potencialidades e constrói sua personalidade. Observando as pessoas nas labutas do dia-a-dia, é fácil reparar que muitas delas orientam suas vidas por *valores interiores*, como dignidade, consciência, independência, razão, etc. — *valores-do-ser*. Outras, a maioria, pautam suas vidas por *valores exteriores*, quais sejam, ganhar dinheiro, ser aplaudido, ter prazer, conquistar privilégios, consumir etc. — *valores-do-ter*. Esses valores configuram dois modos de vida — *modo-ser e modo-ter*.

São dois modos de vida que se desenham diante dos adolescentes como duas alternativas de existência. São dois modos de vida fundamentais, mas não excludentes. Nossa sociedade capitalista, porém,

faz todo esforço para convencer os adolescentes a optarem pelo modo-ter de existência, baseado, prevalescentemente, nos valores-do-ter. Neste caso dizemos que o adolescente está formando uma *personalidade egótica*. Nosso esforço, como educadores, deve ser no sentido de orientar os adolescentes a preferirem o modo-ser de existência, embasado, predominantemente, nos valores-do-ser. Quando esse objetivo é conseguido, então o adolescente está formando uma *personalidade pessoalizada*.

Personalidade, na definição de Nuttin, significa o modo próprio de ser e comportar-se de cada pessoa nas diversas situações de vida.¹¹ Da construção da personalidade participam, como elementos constitutivos, duas categorias de fatores: potencialidades inatas e elementos adquiridos da sociedade pela aprendizagem, educação e outras agências influenciadoras. Por mais que a personalidade se caracterize pela singularidade de seus traços, é tributária das determinações sociais, das condições da pessoa. Mas a sociedade não é determinante absoluto porque o sujeito humano, enquanto razão, consciência, liberdade e responsabilidade, toma parte, de forma ativa e selecionadora, na construção de sua personalidade. O homem é um ser aberto, projetado para fora de si mesmo, em relação, que dá e recebe, cria e é criado, transforma e é transformado. Sua personalidade resulta do jogo dialético entre a subjetividade e a objetividade do meio. Por isso a personalidade é, em síntese, a totalidade das qualidades psíquicas inatas e adquiridas que tornam a pessoa única e original.

A) *Personalidade egótica*. É a personalidade daqueles que assumem o modo-ter de existência, caracterizado pelos valores dominantes na sociedade de consumo: individualismo desmedido, liberdade desmedida e prazer a qualquer preço, mesmo às custas da miséria e sofrimento da maioria; superestimação do poder, da dominação e do lucro; privatização radical e exclusivista dos bens materiais e culturais; em suma, opção, na terminologia de Fromm, não pelo ter-existencial, constituído daquelas coisas absolutamente necessárias à existência humana, mas pelo ter-caracterológico, formado por aqueles bens que não são vitais ao homem mas se tornaram tais devido a condicionamentos sociais.

Formado nessa ambiência, o adolescente seguramente adquirirá caráter *egótico*. Fromm conceitua caráter como “a forma (relativamente permanente) por que a energia humana é canalizada no processo

11. J. Nuttin: *A Estrutura da Personalidade*, São Paulo, Duas Cidades, 1969, pg. 24; *Consciência, Comportamento e Personalidade*, São Paulo, Duas Cidades, 1982; *Tâche, Réussite et Échec*, Louvain, Publications Universitaires, 1971, pg. 53-57.

de assimilação e socialização".¹² Assimilação e socialização são tipos de relacionamento das pessoas umas com as outras e com o mundo. Pela assimilação elas se assenoreiam e incorporam coisas necessárias ou não à satisfação de suas necessidades. Pela socialização relacionam-se com as outras pessoas e com o mundo para os mais diversos fins: superar a solidão, defender-se de ameaças, trabalhar, divertir-se, comunicar-se, constituir família, participar de empreendimentos, etc. O caráter é precisamente conforme o pensamento frommeano, a forma particular, relativamente constante e coerente de cada um relacionar-se consigo mesmo, os outros e o mundo. De cada um pensar, sentir e agir nas mais diversas situações da vida.

A aquisição do caráter, hoje em dia, é feita sobretudo através da família, a educação e os meios de comunicação social. Estes não fazem outra coisa senão inculcar o sistema de vida aprovado e celebrado pela sociedade. Por isso nossas crianças e jovens, salienta Fromm, adquirem o caráter que mais tarde os fará querer aquilo que têm de fazer, e cuja essência é por eles compartilhada com a maior parte dos membros da mesma classe social ou da mesma cultura. Convém notar que a influência do meio social sobre os indivíduos não é uniforme. Pois as pessoas, pela própria constituição, reagem diferentemente aos estímulos do meio.

Pois bem. A sociedade na qual nossas crianças e adolescentes são socializados é profundamente egotizada e egotizante. É de se esperar que nela predomine a egotização generalizada. De fato, pesquisa realizada entre cerca de mil adolescentes confirma que 98,1% dos adolescentes são egotizados contra apenas 1,9% que demonstraram tendência para a pessoalização.¹³

B) *Personalidade pessoalizada*. É a personalidade daqueles que escolheram orientar suas vidas pelos valores-do-ser: consciência, inteligência, liberdade, responsabilidade, autenticidade, caráter etc. Buscam um modo de vida assentado naqueles valores que fazem do ser humano uma pessoa. Como vivemos num contexto sociohistórico egotizado, tornar-se uma personalidade pessoalizada é laboriosa conquista de cada um. Tão difícil que apenas 1,9% dos adolescentes estavam se educando conforme padrões pessoalizantes. É difícil mas não é impossível, desde que aos jovens se administre uma educação verdadeiramente conscientizadora e libertadora.

O jovem, interessado na aquisição duma personalidade pessoali-

zada, organiza sua vida em primeiro lugar e acima de tudo conforme sua condição de pessoa e não conforme os padrões comportamentais estabelecidos pela sociedade egotizada. No processo de assimilação e socialização predominam os valores que fazem dele gente, pessoa, ser humano. Quer ser reconhecido, estimado e respeitado enquanto pessoa e não enquanto detentor de muitos bens. Valoriza os bens materiais, mas na medida em que ajudam a formação duma existência mais humana, mais igualitária, mais justa, mais digna. Ama mas sem interesses dominatórios. Vive ajustadamente mas conservando sua autonomia de pensamento e de conduta. É participante mas sem servilismo. É autêntico mas sem exibicionismo. É justo mas sem pruridos persecutórios. Enfim, o sentido de sua vida está antes de tudo em ser e não em ter.

C) *Personalidade e autodeterminação*. O modo-ter e o modo-ser de existência são duas alternativas que o adolescente tem diante de si. É por um deles que ele deve autodeterminar-se. E a formação da personalidade seguirá o modelo determinado pelo modo de vida escolhido. Sabemos que a grande massa dos adolescentes está se comportando conforme o modelo aprovado pela sociedade de consumo. A pesquisa que nos assegura essa conclusão foi feita entre adolescentes escolarizados. Isso significa que a educação escolar, em vez de conscientizar e libertar os jovens das influências egotizantes da sociedade, faz é confirmá-los no modo de vida egotizado. Essa situação poderá ser revertida se aos adolescentes for oferecida uma *educação pessoalizante*.

12. Erich Fromm: *Análise do Homem*, 13.^a ed., Rio de Janeiro, Ed. Guanabara, 1986, pg. 58.

13. Evilásio A. Ramos: "Ser e Ter na Adolescência", *Educação em Debate* n.º 12, 1986, pg. 81-106.